

>> *Temática Especial*

Descolonização e antirracismo em sala de aula, uma prática constante

Taiane Naressi Lopes¹

Resumo:

Este texto tem por objetivo apresentar o desenvolvimento e os temas abordados em uma oficina ministrada para o 9º ano do Colégio de Aplicação da UFRGS. Esta oficina faz parte do projeto de Extensão “Discutindo Ditadura, Relações de Gênero e Direitos Humanos na Escola”. Também visa trazer reflexões sobre a prática de ensino na disciplina de História, os usos de recursos e abordagens teóricas para oportunizar a construção da cidadania. Nesse sentido, trabalhou-se a questão da população negra no pós-abolição dando especial ênfase para a história de mulheres negras neste período, trazendo elementos da literatura e do patrimônio histórico sul brasileiro para tornar dinâmica a aula expositiva. Entre os materiais pedagógicos empregados citamos letras de músicas e videoclipes de artistas de rap. Durante a atividade foi possível, através da leitura de textos e imagens, propor reflexões coletivas para a turma sobre negros e negras no pós-abolição, percebendo as mobilizações que garantiram conquistas frente às desigualdades.

Palavras-chave:

Ensino de História. Antirracismo. Fontes. Mulheres Negras.

Decolonization and anti-racism in the classroom, a constant practice

Abstract: This text aims to present the development and topics covered in a workshop given to the 9th year of the UFRGS College of Application. This workshop is part of the Extension project “Discussing Dictatorship, Gender Relations and Human Rights at School”. It also aims to bring reflections on teaching practice in the History discipline, the use of resources and theoretical approaches to provide opportunities for the construction of citizenship. In this sense, the issue of the black population in the post-abolition period was addressed, with special emphasis on the history of black women in this period, bringing elements of literature and southern Brazilian historical heritage to make the expository class dynamic. Among the pedagogical materials used, we mention song lyrics and music videos by rap artists. During the activity, it was possible, through reading texts and images, to propose collective reflections to the class about black men and women in the post-abolition period, understanding the mobilizations that guaranteed achievements in the face of inequalities.

Keywords: History Teaching. Anti-racism. Sources. Black Women.

¹ Mestre em História pela UFRGS, doutoranda pela mesma instituição no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. E-mail: thaylopes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9422-6248>.

Descolonización y antirracismo en las aulas, una práctica constante

Resumen: Este texto tiene como objetivo presentar el desarrollo y los temas tratados en un taller impartido en el 9º año de la Escuela de Aplicación de la UFRGS. Este taller forma parte del proyecto de Extensión “Debatir sobre dictadura, relaciones de género y derechos humanos en la escuela”. También pretende acercar reflexiones sobre la práctica docente en la disciplina de Historia, el uso de recursos y enfoques teóricos para brindar oportunidades para la construcción de ciudadanía. En este sentido, se abordó la cuestión de la población negra en el período post-abolición, con especial énfasis en la historia de las mujeres negras en este período, trayendo elementos de la literatura y del patrimonio histórico del sur de Brasil para dinamizar la clase expositiva. Entre los materiales pedagógicos utilizados, mencionamos letras de canciones y videos musicales de artistas de rap. Durante la actividad, fue posible, a través de la lectura de textos e imágenes, proponer a la clase reflexiones colectivas sobre hombres y mujeres negros en el período post-abolición, comprendiendo las movilizaciones que garantizaron logros frente a las desigualdades.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Anti racismo. Fuentes. Mujeres negras.

O que inspirou a escrita deste texto foi a experiência de uma oficina na turma do 9º ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação/UFRGS, ministrada dentro das atividades do projeto de extensão coordenado pelo professor Dr. Vanderlei Machado: “Discutindo Ditadura, Relações de Gênero e Direitos Humanos na Escola”, este projeto visa, numa perspectiva multidisciplinar, planejar metodologias de ensino que possibilitem a inserção de questões relacionadas aos estudos de gênero e Direitos Humanos nas aulas de História, divulgando-as através de um blog,² além de oportunizar a experiência da prática docente.³ Convidada para participar deste projeto quando era bolsista no CAP, desenvolvi a oficina aqui relatada. Este relato tem por objetivo a divulgação da experiência pedagógica por mim desenvolvida, buscando compartilhar novas possibilidades no ensino de História, ou seja, temas que são pertinentes à disciplina.

Se faz importante apresentar a escolha pelo tema proposto e seus desdobramentos, visto que refletem no pensar não somente uma determinada aula, mas um conjunto de ideias e práticas dentro do que acreditamos ser relevante para uma educação como prática de liberdade (FREIRE, 1967), reconhecendo os sujeitos e suas histórias como vetores de transformação social. Para isso precisamos conhecer suas trajetórias e quais aprendizados trazem consigo e, para além disto, o que suas vivências impulsionam a pensar e refletir diante de um tema específico. A proposta da oficina está relacionada com a abordagem dos temas referentes às mulheres negras, memória e práticas antirracistas, a partir de alguns

² Discutindo Direitos Humanos na Escola

Ver: <https://direitoshumanosemsaladeaula.wordpress.com/>

³ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada, pela autora em coautoria com o professor Vanderlei Machado, no V Encuentro Iberoamericano de Investigación en Didáctica de las Ciencias Sociales Los retos de la enseñanza de la historia, la geografía y la economía para la enseñanza de una ciudadanía crítica y democrática; Eje temático Innovación y experiencias de enseñanza y el aprendizaje de las Ciencias Sociales, la Geografía, Historia, Economía y Ciudadanía; Título del trabajo: O exercício da descolonização em sala de aula: mulheres negras, memória e educação antirracista. Em evento realizado na Pontificia Universidad Católica del Perú 13 al 15 de octubre de 2022, na cidade de Lima, no Peru (virtual).

pressupostos como as obras de artistas situados em seus respectivos contextos, assim sendo possível construir questionamentos a respeito de questões sociais da atualidade.

No período em que esta oficina foi elaborada e realizada, ocorreram significativos acontecimentos que levaram a potencializar a temática sobre as mulheres negras. No âmbito acadêmico, intelectuais como Grada Kilomba, Patrícia Hill Collins e Angela Davis estiveram no Brasil para somar suas vozes às de muitas mulheres que denunciavam as desigualdades causadas pelas articulações das opressões de gênero e raça, compartilhando suas experiências e ensinamentos. Este contexto também foi marcado pelo assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, mulher negra, lésbica e mãe, que, entre outras atribuições, combatia ativamente as milícias do Rio de Janeiro e as violências direcionadas a jovens negros periféricos. Mobilizo estes acontecimentos e os insiro na escrita justamente porque foram fatores que estimularam o desenvolvimento desta atividade e, além disso, se relacionam profundamente com o passado-presente de um país que carrega consigo questões mal resolvidas com a população negra. Autoras como Kilomba (2019) nomeiam essas questões como “trauma colonial”, ou seja, os diversos níveis de violação e destituição das subjetividades do sujeito negro, juntamente com a falta de reconhecimento e valorização de suas histórias e culturas pela figura do colonizador.

O objetivo desta atividade está voltado para a inversão desta lógica, isto é, para a visibilização dos sujeitos e suas complexidades, para estimular a autoestima de jovens negros e, principalmente, levantar questionamentos e identificar as múltiplas facetas do racismo, praticado em diversos espaços e nas suas diferentes formas, que vão desde o epistemicídio⁴ até o racismo recreativo⁵. Sabemos que a escola é um ambiente onde se configuram e refletem muitos destes aspectos sociais, sendo responsável pela manutenção destas hierarquias ou, como preferimos acreditar, podendo ser um espaço de desconstrução e potência às práticas de novas formas de conhecimento e saberes, de acolhimento à diversidade e respeito diante das diferenças e particularidades dos seres que a compõe.

Todo esse esforço vem de um desejo de descolonizar as práticas educacionais, para somar a um movimento que se expande em várias esferas, a luta antirracista reivindica, para além do reconhecimento de privilégio por parte de pessoas brancas, a soma dos esforços para criar fissuras na estrutura que alicerça o racismo, isto se dá quando nos posicionamos diante de situações e principalmente quando tomamos consciência das opressões que o circundam e o fortalecem.

Portanto, nas próximas páginas iremos abordar e aprofundar as questões que foram trabalhadas nesta atividade/oficina sobre as mulheres negras e seus protagonismos ao longo da História do Brasil. Vamos usar como exemplo suas trajetórias, que foram muitas vezes negligenciadas para apontar problemas atemporais de nossa constituição enquanto sociedade, e principalmente para preencher a sala de aula com outras possibilidades de educar e formar cidadãos.

⁴ Ao longo deste artigo vamos nos debruçar sobre este conceito e aprofundá-lo, de forma sucinta este termo foi cunhado por Boaventura de Souza Santos em 1998, porém, a filósofa e intelectual Sueli Carneiro, em 2005, adaptou este conceito para se referir ao processo de invisibilização da produção de conhecimento feito por pesquisadores e intelectuais negros a partir da ótica colonizadora onde somente quem detinha o conhecimento e o poder de produzi-los eram sujeitos brancos.

⁵ Este termo foi cunhado pelo intelectual Adilson José Moreira (2019), onde o racismo se apresenta de forma sutil e cotidiana, no humor e em termos que servem para a manutenção das hierarquias bem como discurso de ódio.

As mulheres e suas representações: onde estão as mulheres negras?

A provocação inicial desta atividade partiu da indagação: “onde estão as mulheres na História?” seguida por “onde estão as mulheres negras?”, para o estímulo da curiosidade e participação da turma. Este questionamento também direciona para a análise das imagens construídas em torno do que é ser mulher e feminilidade ao longo do tempo.

Usamos como exemplo imagens de mulheres europeias de dois períodos históricos, o Renascentista, para explorar as representações estéticas femininas, e avançamos até o século XIX, no contexto fabril da Revolução Industrial. Na imagem abaixo (Figura 1) é possível identificar as imagens utilizadas. O recurso imagético nos permite adentrar nos detalhes subjetivos e provocar indagações e a participação da turma.

Figura 1: Apresentação inicial da oficina.



Fonte: Vanderlei Machado (2018)

A maioria dos estudantes reconheceram as imagens e as nomearam, eles apontaram as diferenças estéticas e mostraram-se interessados no questionamento. A utilização destas imagens também envolveu questões sobre definições construídas e projetadas, permitindo também as comparações e contrastes, quando contrapostas com figurações – do mesmo período, de mulheres negras. Aqui fica evidente que estamos levantando questões relacionadas à universalização e aceitação de uma única projeção de mulher, aquela que corresponde ao universal, branco e civilizado aos moldes ocidentais. Existe uma extensa bibliografia que discorre sobre temas que atravessam a história das mulheres ao longo do tempo, que perpassam pela vida privada e seus alicerces – como o casamento e a maternidade, até a vida pública, e as organizações para reivindicar direitos civis e igualitários. Dentro desta intenção acionamos novamente a pergunta inicial deste subtítulo: onde estão as mulheres negras?

Contamos nos últimos anos com diversos estudos que foram pioneiros neste questionamento e apontam alguns motivos que levam a uma certa constatação comum sobre a (in)visibilidade, que no decorrer deste texto será apontada. O que se faz preciso, por ora, envolve a ciência de que há muito pouco tempo mulheres negras foram reconhecidas e incluídas nas pautas “feministas”, apesar de em diferentes contextos já questionarem a

experiência comum de mulheres⁶. Foi ao longo do século XX que emergem os marcadores sociais que estruturam as desigualdades entre negros e não-negros, e sobretudo, colocam a mulher negra como cerne de diversas intersecções⁷.

Neste momento inicial da oficina se faz importante esta dinâmica, trazendo para o debate questões que perpassam a objetificação da mulher negra e a dimensão ideológica do racismo e do sexismo como instrumento de dominação e controle. Intelectuais como Gonzalez (1984) e Collins (1990) nos permitem avançar sobre as questões das mulheres negras no imaginário e no cotidiano, trazendo a noção de “imagens de controle” apontando para a centralidade do conhecimento partindo de corpos brancos e do quanto as mulheres negras são lidas de maneira secundária, não compondo a centralidade teórica⁸.

Para isso, os rostos e trajetórias de Dandara dos Palmares e Luísa Mahin (MACHADO; ABREU, 2017) para além da existência de suas trajetórias, expressam um outro olhar sobre a mesma história, em um mesmo contexto, e que na ocasião da sala de aula, possibilitou levantar questões que perpassam a temporalidade, o gênero, a classe e a cor. As suas imagens também compuseram o conjunto de referências que se revelaram ao longo do diálogo com os estudantes.

Isso nos leva também a abordar outro elemento fundamental para esta atividade, que corresponde ao ensino de História na sala de aula, já mencionado anteriormente: os perigos da História única. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019), nos alerta sobre os efeitos negativos que este tipo de interpretação resulta, dentre os vários apontados pela autora, os estereótipos ganham destaque, pois tornam os indivíduos incompletos na sua complexidade. Todas estas questões perpassam e colocam no cerne da atividade a discussão de poder e disputa entre grupos/categorias sociais, quem tem direito à voz e visibilidade ao longo da história contada nos livros didáticos – reproduzidas massivamente no cotidiano – são personagens que, para além do imaginário, compõem uma dimensão ideológica.

Para elucidar e conduzir a lógica que atravessou esta atividade, colocamos como pano de fundo o período pós 1888 no Brasil. O pós-abolição não se apresenta somente como um marco temporal, mas sim, como um problema histórico (RIOS; MATTOS, 2004), que nos possibilita pensar sobre as estratégias acionadas por homens e mulheres negros que, em liberdade, precisaram construir formas de garantir a existência. Para isso, muitas iniciativas foram criadas, como a imprensa, os clubes sociais, os times de futebol e demais espaços que conferiam sociabilidade a este grupo.

Este foi o ponto da atividade que permitiu apresentar e valorizar trajetórias de homens e mulheres negros que contribuíram intelectualmente, politicamente e artisticamente ao longo da história do Brasil. Os/As alunos/as demonstraram-se surpreendidos em conhecer histórias relativas às revistas (Revista Tição, de Oliveira Silveira) e jornais da imprensa negra (O Exemplo, de Porto Alegre; Alvorada, de Pelotas; Voz da Raça, de São Paulo),

⁶ Questionamento proferido por Sojourner Truth no século XIX. Sobre os direitos das mulheres e a desigualdade. Para saber mais sobre o tema, acessar: https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/?gclid=CjwKCAiAq4KuBhA6EiwArMAwIMTj-HYQa3HGFc65YTxUGGI9Z2A17qLewP3vI0zPZRiPYoIVpiRbphoCyRsQAvD_BwE

⁷ A interseccionalidade foi um conceito elaborado por Kimberlé Crenshaw (2002), que trata sobre a interação de diversas opressões ou fatores sociais que acabam definindo e impactando a identidade da pessoa.

⁸ Sobre imagens de controle, Patrícia Hill Collins as define como instrumento de dominação para perpetuar padrões de violência, onde se articulam raça, classe, gênero e sexualidade afim de suprimir o desenvolvimento de subjetividade de mulheres negras, limitar suas autonomias e manter condições de injustiça social.

clubes sociais como, por exemplo, o Floresta Aurora, de Porto Alegre, fundado em 1872⁹. Além de outros que se encontram em atividades em cidades ao sul do estado, há blocos carnavalescos como o "Fica aí", de 1919, e o "Chove não molha", de 1922, que se tornaram associações negras na cidade de Pelotas. O Clube 24 de Agosto, criado em 1918 em Jaguarão, é outro exemplo. Nesses clubes, as mulheres desempenhavam um papel fundamental na organização das atividades. No entanto, eram os homens que integravam os espaços de poder reconhecidos, responsáveis pelas decisões. Essa abordagem possibilitou apresentar para a turma as dinâmicas que envolveram e organizaram esses grupos sociais, além de suas trajetórias de resistência.

Ao final de todo este percurso, como proposta de atividade envolvendo o uso de fontes no ensino de História, utilizei de recursos de mídia para expor vídeos das rappers Yzalú (Mulheres Negras), Preta Rara (Falsa Abolição) e do rapper Rincon Sapiência (A coisa tá preta). Foi apresentado um pouco da história de vida destes artistas¹⁰, como sendo figuras essenciais na música e cultura brasileira, cada um contribuindo de maneira significativa para a discussão e representatividade afro-brasileira. Yzalú, com seu violão, traz uma perspectiva única para o rap, combinando o poder do gênero com a sensibilidade de suas cordas para amplificar as vozes das mulheres negras, enquanto Preta Rara usa sua arte e ativismo para destacar as realidades enfrentadas por empregadas domésticas e outras mulheres negras marginalizadas, fortalecendo o movimento feminista negro. Rincon Sapiência, por sua vez, inova tanto na música quanto na moda, abordando a complexidade do racismo e a riqueza da identidade negra em suas letras, contribuindo para uma nova compreensão cultural e estética dentro do rap brasileiro. Juntos, eles não apenas enriquecem

⁹ Durante a exposição foram utilizadas referências do Jornal "O Exemplo" como ferramenta de articulação política entre o período da República no Brasil. O tema é discutido em profundidade em Perussatto (2018). Sobre os clubes sociais negros como espaços de sociabilidade, Silva (2017) aborda esta questão situando cidades fronteiriças ao sul do Brasil. Sugere-se que sejam distribuídos fac-símiles do Jornal *O Exemplo* para os/as estudantes. A partir disso, possibilitar o contato inicial com o documento histórico e, por conseguinte, realizar a leitura em conjunto com a turma. Nesta ocasião, as referências literárias foram os conceitos de "escrevivência" de Evaristo (2016) e sobre o cotidiano de populares e gentrificação em grandes cidades em Jesus (1960).

¹⁰ Yzalú, é uma cantora e compositora que se destacou no movimento Hip Hop ao incorporar o violão em clássicos do rap nacional. Ganhou notoriedade com a música "Mulheres Negras" de Eduardo Ex-Facção Central, e teve uma carreira marcada por altos e baixos, incluindo uma pausa para estudos e trabalho em 2005. Em 2014, preparava o lançamento de seu primeiro CD, "Minha Bossa É Treta", consolidando sua influência na cena do Hip Hop.

Preta Rara, rapper de 33 anos, arte-educadora, feminista e militante do movimento negro, tem uma trajetória marcante que inclui sete anos trabalhando como empregada doméstica e liderando o projeto "Eu, empregada doméstica". Nos últimos 9 anos, ela se destacou no cenário musical com seu álbum solo "Audácia" (2015), que aborda a realidade das mulheres e do povo negro no Brasil, criticando a falsa democracia racial com músicas como "Falsa Abolição" e "Negra Sim!".

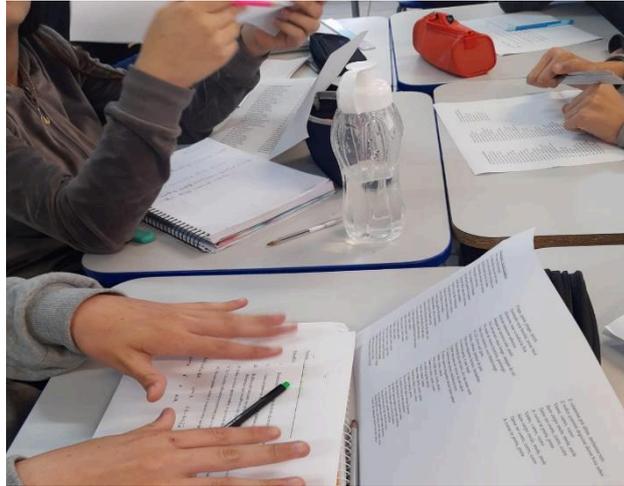
Rincon Sapiência é um proeminente rapper, compositor e produtor brasileiro, conhecido por abordar sutilezas do racismo em suas letras e por sua inovação na moda hip-hop. Desde a infância foi influenciado por ícones como Michael Jackson e grupos de rap nacionais, começando sua carreira musical no grupo MD38 em 1999. Ganhou destaque com o single "Elegância" em 2009, e após uma turnê influencial pela África em 2012, lançou o disco "Galanga Livre" em 2017, destacando-se por temas de autoestima negra e críticas sociais.

Informações acessadas através dos sites:
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641675/rincon-sapiencia>; <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/25/preta-rara-para-mim-resistir-e-estar-viva>;
<https://contatoyz.wixsite.com/yzalu/bibliografia>. Acesso em: 30 abr. 2024

a cena musical, mas também desafiam e expandem o discurso sobre raça, gênero e classe no Brasil.

Esta atividade consistiu em cada aluno receber a letra de uma destas músicas e responder perguntas direcionadas ao percurso exposto durante a oficina. A organização poderia ocorrer de forma individual ou coletiva, a intenção estava voltada para as reflexões e trocas de ideias entre os estudantes. Na imagem a seguir (Figura 2) os estudantes se encontram com a letra das músicas em mãos, discutindo alguns trechos de forma coletiva.

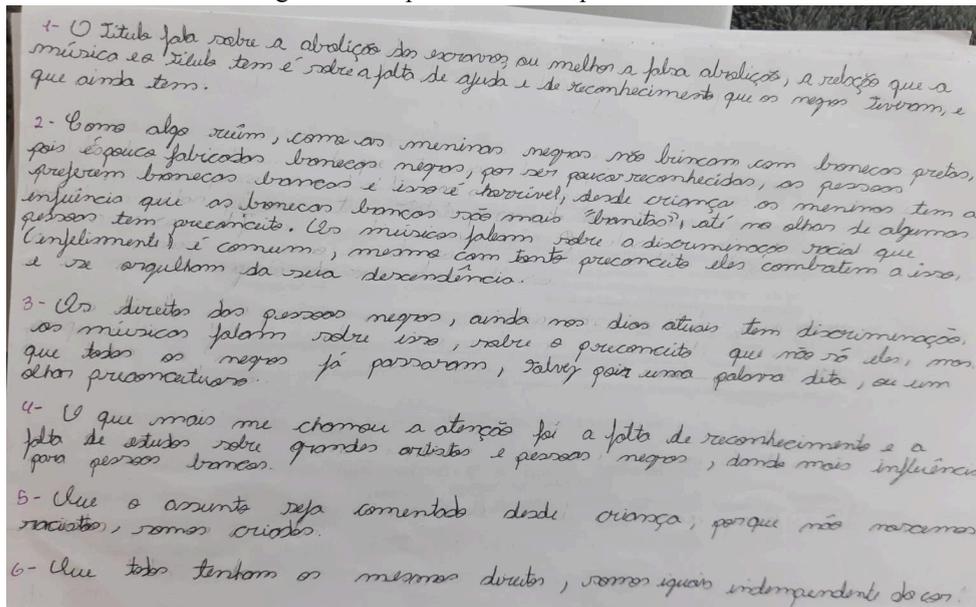
Figura 2 - Proposta da atividade em grupo com as letras das músicas.



Fonte: Taiane Lopes (2018)

Na oficina aqui descrita, optou-se por realizar a atividade em grupos. Organizados desta forma, os/as estudantes deveriam responder às seguintes perguntas: 1) Estabeleça uma relação do título da música com o conteúdo da letra. 2) Como os músicos definem a discriminação racial em suas letras? 3) Reflita e debata com o seu grupo sobre o que o conteúdo da música provocou para pensarmos sobre o acesso aos direitos e as diferenças que envolvem o ser cidadão no Brasil. 4) Sobre os slides apresentados, o que mais chamou sua atenção e interesse? Justifique. 5) Reflita sobre alternativas possíveis para o combate e a responsabilização de atos de discriminação racial. 6) Na sua opinião, como é possível viver em uma sociedade igualitária? Sendo essa uma atividade que proporcionou respostas críticas e reflexivas, na imagem abaixo (Figura 3) consta a resposta de um estudante para estas questões.

Figura 3 - Resposta elaborada por estudantes.



Fonte: Taiane Lopes (2018)

A repercussão desta atividade foi muito satisfatória no sentido de estar apresentando outras possibilidades de abordar o passado e o presente. O estudante L demonstrou que assimilou o título da música como expressão racista positivada pelo cantor. Identificou a discriminação social comparando inclusive como os perigos de se ter uma única história onde negros e negras não são visibilizados. A estudante J evidenciou em sua escrita a participação das mulheres negras enquanto protagonistas de suas histórias tendo a representatividade negra marcada pelas tensões sociais. Já a estudante C percebeu na letra de Rincon Sapiência a necessidade de desconstruir expressões racistas usadas e naturalizadas no cotidiano. A turma, de forma geral, apresentou empenho na realização da atividade, isso mobilizou diálogos e esforços para responder às questões. Proporcionar este momento também é importante para perceber os pontos a serem otimizados, possibilitando uma melhora na condução da oficina.

Portanto, ao longo deste encontro foi possível proporcionar uma prática pedagógica no ensino de História a partir de diversas fontes, como os jornais, fotografias, obras de arte, literatura e música, enriquecendo as maneiras de abordagem bem como no estímulo de outros formatos de ensino-aprendizagem. A investigação histórica se nutre de uma vasta gama de fontes, cada uma oferecendo uma janela única para os múltiplos aspectos do passado e evidenciando as transformações e dinâmicas sociais ao longo do tempo. Os jornais, por exemplo, servem como registros imediatos dos eventos e do pensamento de uma época, enquanto fotografias capturam instantes visuais que palavras muitas vezes não conseguem descrever. Obras de arte e literatura refletem as correntes estéticas e as preocupações filosóficas de seus tempos, oferecendo um mergulho profundo nas mentalidades e sensibilidades destes períodos. Da mesma forma, a música, com suas letras e ritmos, carrega o pulso emocional e cultural, revelando muito sobre os contextos sociais de sua criação. O uso destas fontes, enriquecendo as maneiras de abordagem bem como no estímulo de outros formatos de ensino-aprendizagem, abre novos caminhos para a compreensão e a conexão com o passado-presente, incentivando uma curiosidade ativa que é

essencial para o ensino de História. Ao explorar estas variadas fontes, torna-se possível não apenas conhecer, mas também sentir e refletir sobre as continuidades e rupturas que moldaram a sociedade em que vivemos hoje.

A educação decolonial perpassa pelo antirracismo e a escola se torna um ambiente favorável para estas práticas, possibilitando a interação e o espaço para construir novas formas de relação com os contextos históricos e seus sujeitos.

A descolonização é um exercício constante, e a experiência de proporcionar esta oficina para uma turma que está concluindo o ensino fundamental revela o quanto é importante preencher o ambiente da sala de aula com múltiplas referências e fontes. As reações que cada estudante apresentou junto da dedicação mobilizada para debater e realizar a atividade proposta sugere que a sala de aula também pode ser um lugar de descobertas e de construção da criticidade diante da realidade que se apresenta. Essa abordagem não apenas enriquece o conhecimento dos estudantes, mas também fortalece sua identidade e autoestima, capacitando-os a questionar estruturas de poder e injustiça. Enquanto docente e pesquisadora do tema, acredito que o percurso é trilhado por pequenos grandes passos, tendo em vista a valorização dos sujeitos e as diversas formas de elaborar vias emancipatórias para o ensino de História.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought in the matrix of domination. *In*: COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. 1990.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs**, 1984.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MACHADO, Vanderlei; ABREU, Ana Paula Zini de. Entrecendo leituras: o protagonismo de mulheres negras e o uso de cordéis nas aulas de história da EJA do Colégio de Aplicação da UFRGS. **Revista História Hoje**, v. 6, n. 12, p. 177-199, 2017. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/388>. Acesso em: 02 mai. 2018.
- MOREIRA, Adilson José. **Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica**. São Paulo: Contracorrente, 2019.
- PERUSSATTO, Melina. **Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892 - c. 1911)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. O pós-Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.
- SILVA, Fernanda Oliveira. **As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguaí no pós-abolição (1870-1960)**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- Vídeo-clipes apresentados:**
"Mulheres negras" - Yzalú no Estúdio Showlivre 2016: <https://www.youtube.com/watch?v=6p9cthjjMa4>
Tarja-Preta - Falsa Abolição: <https://www.youtube.com/watch?v=MB2LQIWVWVKU>
Rincon Sapiência - A Coisa Tá Preta: <https://www.youtube.com/watch?v=FsTTvHoLxEA>

Contribuições da autoria

Taiane Naressi Lopes: Conceitualização, Investigação, Redação.

Data de submissão: 29/02/2024

Data de aceite: 02/05/2024